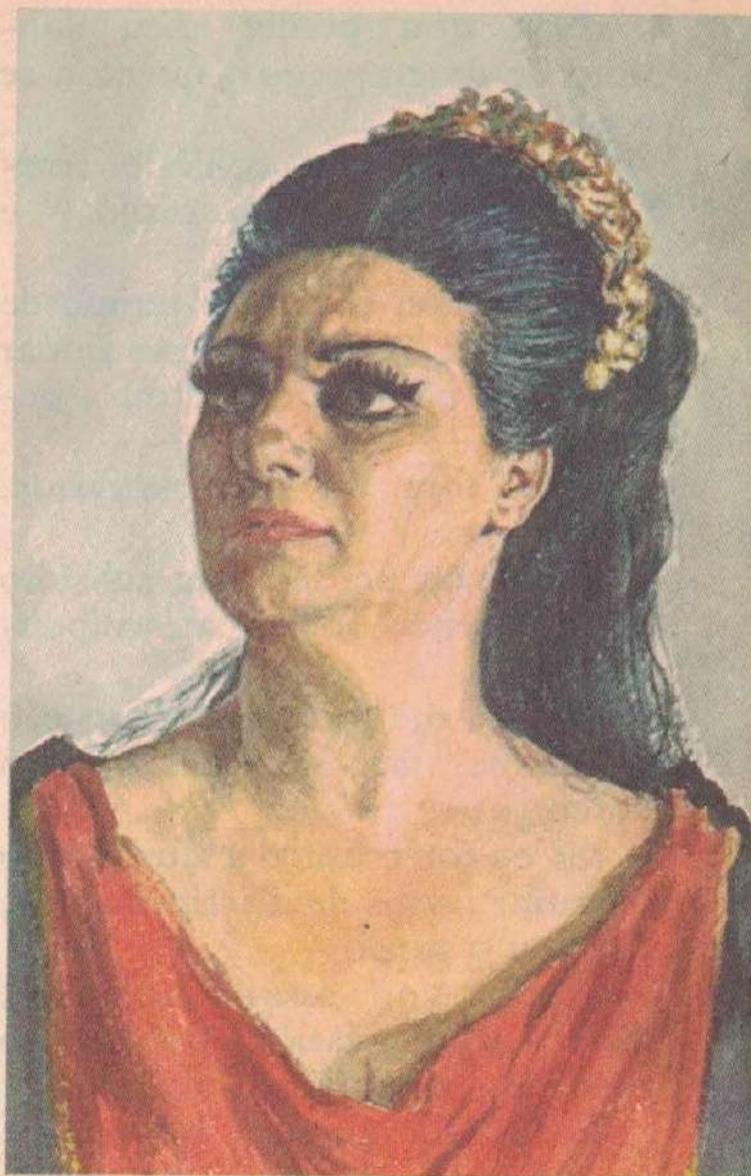


A subida vertiginosa para a fama operística do soprano Montserrat Caballé é resultado da forte determinação de uma profissional em busca da perfeição

RAÚL VÁSQUEZ DE PARGA

Montserrat Caballé, a voz de ouro da Espanha



OS CRÍTICOS musicais procuram a linguagem mais rebuscada para descrever o soprano Montserrat Caballé. Na Cidade do México, sua voz era «como um sol»; em Buenos Aires, «como um rubi no centro do palco»; em Nova York, «como uma fulgurante rosa vermelha». E um crítico em Vancouver escreveu: «Já ouviu alguma vez algo

que lhe provocasse um prolongado arrepio na espinha? É assim que Montserrat canta; é esse o efeito que sua voz produz.»

Montserrat Caballé (pronuncia-se Ca-ba-iê), jovial e bem-humorada, é uma das mais valiosas aquisições da ópera hoje em dia. Tem contratos até 1979 com grandes teatros líricos, desde Tóquio a Moscou, Nova York e Milão.

Chega a participar anualmente de 90 óperas e 30 recitais, e suas gravações são sempre acontecimentos musicais de alta categoria.

Segundo Juan Antonio Pamias, diretor-geral e empresário do Gran Teatro Del Liceo, em Barcelona, terra natal de Montserrat: «Ela é a maior e a mais bela voz espanhola deste século. Pela técnica vocal, pode ser considerada a melhor no mundo; enquanto alguns cantores interpretam melhor certos papéis do que outros, Montserrat é boa em todos.»

Em dezembro de 1965, a Sociedade Americana de Ópera recorreu a Montserrat quando quis levar à cena a pouco conhecida *Roberto Devereux*, de Donizetti, extenuante seqüência de árias, que a maior parte dos cantores evita interpretar. Cantando em versão de concerto, sem encenação nem trajes, ela eletrizou o auditório em Nova York. O *Time* escreveu: «No fim do segundo ato, ela mostrou o que era uma verdadeira prima-dona, mantendo a nota alta final mais forte do que os demais cantores em cena, e, com uma arrogante sacudidela de cabeça, avançou um passo cantando ainda a plena garganta».

O objeto de toda essa exaltação encomiástica é uma robusta mulher de olhos escuros, cuja paixão pela música é espantosa. Criou 85 notáveis papéis operísticos, e consegue aprender um novo papel em menos de uma semana. Guiada por um desejo de ajudar a revitali-

zar a ópera, percorre os melhores museus do mundo à procura de composições esquecidas. Descobriu trabalhos ignorados de Donizetti, Bellini, Rossini e outros mestres, que espera interpretar e gravar em futuro próximo.

Para os cantores de ópera, a fama não é fácil de alcançar, mas a ascensão de Montserrat pode ser comparada à de Cinderela. Quando nasceu, em 12 de abril de 1933, tinha o cordão umbilical a dar-lhe duas voltas em torno do pescoço, quase a estrangulando. Durante horas, ficou roxa por falta de oxigênio. Enquanto os médicos lutavam para salvá-la, a mãe pôs-lhe o nome em honra da Virgem Negra de Montserrat, padroeira da Catalunha, cuja imagem ficou escurecida pelo tempo.

Montserrat acredita que nasceu para cantar. Aos cinco anos, já acompanhava, trinando, os discos de seu pai, Carlos, químico industrial, apaixonado pela ópera. O pai levou-a ao Liceo aos oito anos, para que ela assistisse pela primeira vez a uma ópera: *Aïda*. No mesmo ano, começou as lições de piano e melodia (solfejo) no Conservatório de Música do Liceo.

Embora aprendesse e praticasse secretamente em casa algumas árias, as aulas de canto só vieram a fazer parte do seu programa no Conservatório aos 14 anos, quando Montserrat passou a incluí-las avidamente em seu intensivo currículo. Depois de freqüentar a escola oficial de manhã.

das três às nove da noite ela estava no Conservatório. Muitas vezes, ficava praticando dicção até tão tarde que o vigia do teatro ameaçava desligar as luzes.

No verão de 1949, uma crise familiar quase destruiu sua carreira musical. Por causa de uma doença cardíaca, Carlos Caballé foi forçado a abandonar o trabalho. Sua mulher teve que dedicar-se a consertar meias, tornando-se o único amparo da família, que incluía o irmão mais novo de Montserrat, Carlos. «Para mim, era impossível continuar a estudar», diz Montserrat. «Nossa família tinha fome. Decidi ir trabalhar.»

Alarmados pela perspectiva de perderem um talento promissor, os professores do Conservatório convenceram Montserrat a apelar para José Antonio Bertrán, milionário de Barcelona e conhecido apreciador de ópera. «Você não parece muito forte», comentou Bertrán ao conhecer a frágil e esquelética Montserrat. «Ela precisa é de comida», disse a mãe, «mas não temos suficiente para lhe dar.»

Bertrán ofereceu-se para pagar todas as despesas de subsistência e de estudos, mas na verdade foi mais além, tornando-se, com o decorrer do tempo, mais um amigo íntimo da família do que um benfeitor. Contratou os melhores médicos para tratarem do pai, e arranjou-lhe numa fábrica um lugar que não requeria muito esforço físico. O primeiro Natal sob a proteção dele foi dos mais

emocionantes da vida de Montserrat. «Um motorista chegou à nossa casa com cestos cheios de presuntos, frutas, vinhos e doces», recorda ela. «Era a primeira vez, desde anos, que conseguíamos ter uma ceia de Natal melhorada. Foi como um conto de fadas.»

Ao terminar o Conservatório, em 1954, Montserrat recebeu a Medalha de Ouro da escola, o mais alto prêmio de canto de Barcelona. Seguiram-se três anos de estudos particulares, ainda sob o patrocínio de Bertrán, antes de seguir para Roma na esperança de começar sua carreira profissional. Ouvindo-a cantar, um empresário disse-lhe: «Volte para casa e dedique-se à cozinha. Você não é uma cantora.» Montserrat deixou a sala banhada em lágrimas, ficando tão deprimida que não saiu da cama durante duas semanas.

Em seguida, tentou a sorte em Basiléia, Suíça, onde sua voz fraquejou na frase ascendente da ária «Vissi d'arte», da *Tosca*. Isso, porém, não preocupou o empresário, que sabia distinguir uma boa voz. Contratou-a por três anos para a Ópera de Basiléia. Em 1957, ela fez aí sua estréia profissional no papel de Mimi em *La Bohème* e, nos seis anos que se seguiram, incluindo espetáculos isolados e contratos com a Ópera de Bremen, Alemanha, tornou-se um dos mais requisitados sopranos na Europa.

Durante todo esse tempo, a mãe, o pai e o jovem Carlos estiveram a seu lado. «Eu teria mor-

rido de saudades sem eles», disse ela. Estava em Barcelona no Natal de 1962, ensaiando para sua estréia em janeiro no Liceo, na *Arabella*, de Strauss. «Essa estréia significava para mim um enorme triunfo pessoal», afirmou ela. «Ia cantar para o povo da minha terra natal.»

Aquela, porém, não foi sua noite mais emocionante. Esta veio alguns meses mais tarde, no Liceo, quando interpretou Cio-cio-san, na *Madame Butterfly*, contracenando com o elegante tenor Bernabé Martí, no papel de Tenente Pinkerton. «No primeiro ato, ele me beijou com tal paixão que eu fiquei louca pelo resto da noite», diz ela. Em agosto de 1964, casou com Bernabé. «Julgo que fui a primeira Cio-cio-san a casar com o seu Pinkerton», afirma ela.

À parte o beijo de Bernabé, sua memorável interpretação foi a 20 de abril de 1965, no Carnegie Hall de Nova York. Montserrat foi designada à última hora para substituir o meio-soprano Marilyn Horne, que deixou o papel de Lucrecia Bórgia por estar grávida. Ensaiou este difícil desempenho durante quatro dias, em casa, antes de se convencer de que era capaz de representá-lo bem perante o sofisticado público nova-iorquino.

O resultado foi memorável. Depois da primeira ária deste soprano quase desconhecido, o auditório interrompeu a representação durante cinco minutos com vivas e aplausos. Daí para frente, foram ovações após ovações.

De um dia para o outro, sua reputação internacional subiu vertiginosamente, mas Montserrat não se contenta com os louros obtidos. «Sua capacidade de trabalho é espantosa», diz seu acompanhante dos recitais de piano, Miguel Zanetti, também espanhol. «Uma vez, fui esperá-la no aeroporto, após semanas de extenuantes *tournees*, e acompanhei-a ao hotel; passados dez minutos, estava de volta. «Vamos ensaiar», disse ela.

Montserrat fica obcecada com os menores detalhes de suas interpretações em concertos. Para se preparar para o papel de Cio-cio-san, encomendou a um amigo do Japão centenas de *slides* de gueixas em diferentes atitudes. Sua *Aïda*, no Liceo, foi o clímax de um ano de preparação pessoal. Depois de ler livros sobre raças, ela decidiu que *Aïda*, escrava abissínia da corte egípcia, devia ter a pele bronzeada. Experimentou centenas de pinturas de Paris, Londres, Nova York, mas finalmente encontrou o que queria numa reserva de índios cheroqueses, perto de Ashville, Carolina do Norte. Por fim, fez esboços a lápis dos trajes de *Aïda*, para o seu costureiro de Barcelona, Jorge Suriñá, que passou semanas procurando os tons exatos de laranja, vermelho e azul.

«Jorge é uma maravilha», diz ela. «Faz-me parecer dez quilos mais magra.» Uma ilusória perda de peso é tudo quanto Montserrat se permite. «Diets para mim,

não», afirma ela alegremente, acariciando o estômago. «Muitos outros cantores perderam peso... e também as vozes. Eu como com a consciência limpa.» Ela admite ter ficado muito deprimida quando começou a sair com Bernabé, por causa do seu físico. «Nessa altura, eu não podia ver espelhos», recorda ela. Era Bernabé quem insistia para que ela continuasse a comer. «Antes de encontrar Montserrat», explica ele, «eu preferia moças magras; agora, gosto das gordas.»

Sem Bernabé a seu lado, acha Montserrat, ela nunca teria passado tanto tempo longe de casa. Ele renunciou praticamente à sua carreira de cantor, aparecendo só ocasionalmente, quando seu empresário conseguia que ambos contracenassem na mesma produção. Todas as tardes, onde quer que esteja, ainda telefona à mãe, ao pai e aos filhos: Montserrat de dois anos, e Bernabé de sete. Por trás do habitual trato agradável da cantora, esconde-se um temperamento inflamado que é característica da maioria das divas. Numa representação do *Trovador*, em Nice, a 22 de janeiro de 1971, o público começou a vaiar o tenor que acompanhava Montserrat. Isto enervou tanto o cantor que sua voz começou a falhar, fazendo com que o público o apupasse ainda mais. De repente, Montserrat interrompeu a orquestra, dirigiu-se para a boca de cena e perguntou: «Querem que cantemos

ou não?» O auditório permaneceu silencioso, mas depois irrompeu em aplausos. O espetáculo prosseguiu, e o tenor cantou tão bem que o público aplaudiu de pé.

Montserrat espera retirar-se por volta de 1981. «Quero abandonar com dignidade, com minha voz ainda intata», diz ela. «Não há nada mais triste do que uma diva ultrapassada.» Ela ama sua carreira mas antevê «o dia em que puder ficar em casa com a família».

Entretanto, aflige-se com a crise que a ópera está atravessando em Espanha. «Recebo cartas de jovens fãs», diz ela, «que ouvem os meus concertos e óperas pelo rádio. Não podem pagar os preços exorbitantes de um espetáculo de ópera ao vivo. A solução é o Estado subsidiar a ópera para baixar os preços dos ingressos, tal como se faz em muitos países.»

Também gostaria que o teatro experimental fosse subvencionado pela municipalidade, o que levaria à cena óperas de baixo custo de montagem e proporcionaria mais oportunidades de atuação a jovens cantores. «O fato de ter estado no estrangeiro seis anos, a fim de ganhar experiência suficiente para atuar no Liceo, revela a falta de oportunidades que um jovem cantor tem na Espanha.»

Para esses jovens, ela tem um conselho simples: «Tenham fé cega naquilo que querem atingir, e terão força para consegui-lo.» Com a própria Montserrat Caballé, essa filosofia não falhou. ▲